

# O OUTRO MARCO POLO

QUE VIAJOU – TALVEZ –  
COM FERNÃO DE MAGALHÃES



DESCRIÇÃO ANOTADA DAS VIAGENS D'

# **O OUTRO MARCO POLO**

QUE VIAJOU – TALVEZ – COM FERNÃO DE MAGALHÃES

DA CONSTELAÇÃO DE  
*ARIES* | CARNEIRO – SETOR I

A exploração da constelação de *ARIES* | CARNEIRO – Setor I oferece algumas explicações quanto à vertente mais prática da Exploração. O modo como cada território era distribuído pelos navegadores e, também, o modo como cada deveria transmitir as informações recolhidas.

Também neste Setor a tripulação é, por vezes, designada de "turma". As aventuras da turma são diversas nas descrições, mas comuns no espírito solidário.

Desde vastidões geladas, a civilizações no fundo do mar, um pouco de tudo foi observado e registado. Frequentemente contribuindo, os exploradores, para a reposição da justiça e bem-estar...

---

Ao anónimo anotador das descrições,  
pertencem os *itálicos* que pontuam os textos.

## TESOUROLÂNDIA

A Tesourolândia encontra-se numa ilha, algures no meio do Oceano Índico. É mágica e tem tesouros. Chegámos lá por sorte. Andámos à deriva muitos dias no meio do mar.

Ao sair do barco, encontrei uma praia que tinha muitas palmeiras com cocos. Depois de explorar o palmeiral e ter comido alguns cocos fui nadar no mar.

Saí, sequei-me ao sol e depois continuei a percorrer a costa. Passei por uma cascata onde encontrei um tesouro. Por trás da queda de água vi jóias, ouro, prata, diamantes, roupas de rainha, de princesa e de fada. Lá no fundo ainda encontrei uma mala, aproveitei-a para colocar todas as coisas lá dentro. Já estava a sair daquele lugar quando apareceram pessoas daquela terra. Elas tinham a pele dourada e as roupas prateadas.

Estranhei, mas pareceram simpáticos e levaram-me para a sua aldeia. A comida tradicional era de prata (chamava-se “pratinho”) e a bebida tradicional era o “ourinho”. Perguntei se podia provar e eles deixaram.

Como falavam em português, perguntei-lhes se podia levar essa comida e bebida comigo, também deixaram.

Depois de ali estar alguns dias, resolvi regressar à praia onde tinha sido deixado o barco. No caminho encontrei um animal estranho a que chamei Coelhoogato porque tinha duas orelhas bicudas, duas orelhas compridas, quatro longas patas, quatro olhos, um nariz, uma boca e duas cabeças. Tirei uma série de fotos a este animal até que, para minha surpresa, ele começou a falar. Então, iniciámos uma conversa (como eu não sabia falar a língua dele, ele disse-me que conseguia falar português). Ainda conversei com os pais dele, que autorizaram o Coelhoogato a viajar comigo.

Ainda só tínhamos andado uns metros, quando o Coelhoogato se arrependeu e decidiu voltar a casa e lá tive eu de voltar sozinha para o barco.

Já no barco contei tudo aos meus colegas e eles contaram-me as visitas deles.

Percebi que viajar é bom porque podemos descobrir coisas, descobrir lugares, descobrir tradições... Na Tesourolândia, por exemplo, pude descobrir verdadeiros tesouros vivos como os animais que ainda ninguém descobriu, povos e tradições muito diferentes.

**Título:** Descrição Anotada das Viagens d'O Outro Marco Polo, que viajou – talvez – com Fernão de Magalhães

**Sub-título:** Carneiro – Setor I

**Autores:** Alisa Grytsenko, Ana Loureiro, Clara Ferreira, Constança Cruz, David Rodrigues, Eva Duarte, Eva Pereira, Ivo Castro, José Lopes, Leonor Santos, Leonor Soares, Madalena Silva, Mafalda Pina, Margarida Durão, Maria Silva, Martim Abelheira, Matilde Esteves, Matilde Fernandes, Miguel Ferreira, Oriana Silva, Rafael Almeida, Tiago Lopes, Tomás Viegas, Vasco João da Silva Gonçalves, Vitória Matos [Escola Básica de Vildemoinhos, 3.ºB (Carneiro – Setor I)]

**Design e Ilustração:** Miolo e Meio, lda.

**Edição e Anotações:** R. M. Ribeiro

O Projeto-Piloto de “O Outro Marco Polo, que viajou – talvez – com Fernão de Magalhães” foi desenvolvido com o Agrupamento de Escolas Grão Vasco, no âmbito da iniciativa da Memória Comum – Associação para os Museus Municipais – Viseu; e decorreu em Junho e Julho de 2019, resultando em 5 cadernos (cada pertencente a uma turma do 1.º Ciclo do Ensino Básico), que foram publicamente apresentados durante o festival “Mescla”, a 07/07/2019.

A Fase 1 de “O Outro Marco Polo, que viajou – talvez – com Fernão de Magalhães” iniciou-se a 20 de Setembro de 2019, data dos 500 anos da partida da Expedição de Fernão de Magalhães que completou a primeira viagem de circum-navegação ao globo terrestre.

[projectopatrimonio.com/o-outro-marco-polo/](http://projectopatrimonio.com/o-outro-marco-polo/)

Viseu. Junho, 2020.

## A ILHA DESERTA MÁGICA

Eu e os meus colegas partimos num barco em busca de uma ilha desconhecida. A cada um foi designado um território. Começámos por ordem alfabética, primeiro o A, depois o B e prosseguindo. Eu era o número dois, ou seja, o B.

A minha ilha tinha o nome de “Ilha Deserta Mágica”. Por todos os lados se via pó, mas era um pó que fazia com que as pessoas com mais de 20 anos mingassem até voltarem a ser bebés.

Andei muito e fui absorvendo tudo o que via: árvores voadoras, pedras do tamanho do mundo, duendes gigantes e dinossauros minúsculos, etc. etc.

Entretanto encontrei uma criatura mágica, metade cão metade cabra, um braço. Era linda mas com os chifres começou-me a dar marradas. Fugi muito, mesmo muito, até a perder de vista. Deambulei pela ilha vários dias, as coisas estranhas já não me pareciam estranhas.

Passado muito tempo voltei a ver a criatura. Desta vez fazia-se acompanhar de outras criaturas ainda mais assustadoras. Uma delas era mesmo muito feroz, metade elefante e metade leão, já estava a vê-la abrir a boca na minha direção para me atacar, mas algo a distraiu por momentos e eu safei-me. As outras criaturas continuavam atrás de mim. Fiquei com medo, muito medo e fugi, corri, fugi, corri...

Foi então que me surgiu uma bela fada... bem, deduzo que fosse uma fada e que fosse mágica, pois deixei de ver as bestas que me queriam alcançar e senti-me em segurança. Como me tinha salvado dos perigos, a fada queria ir para casa. Eu implorei para que ficasse comigo. Aquela ilha tinha uma magia que ainda não consigo explicar, provocava uma sensação de medo e insegurança mas, ao mesmo tempo, causava tanta curiosidade que eu queria continuar aquele passeio.

Por entre montanhas e florestas, também elas mágicas com belezas e perigos, valeu-me a companhia da fada que me acompanhou e me deu segurança para explorar toda aquela ilha cheia de mistérios. Foi então que regressámos ao barco e partilhámos todas as aventuras que vivemos com o resto da tripulação.

## O ILHÉU

Estávamos nós no barco, a navegar pelo oceano fora, a ver se havia algo de novo, quando escutámos um ruído e sentimos um tremor como se fosse um terramoto. Fomos lá ver o que se passava e, afinal, era só o barco a bater num pequeno ilhéu. Decidimos sair para explorar aquela terra.

A primeira coisa que fizemos foi gritar bem alto para ver se havia mais alguém naquele lugar, mas não ouvimos ninguém. Depois, decidimos separarmo-nos, um para cada lado. Então, segui caminho. Provavelmente ainda ninguém tinha descoberto esta ilha, nós seríamos os primeiros a explorá-la!

Caminhava, quando ouvi o som de outros passos. O som vinha de trás e atrás eu só via árvores, troncos e... algas?! Parecia que alguém tinha andado a colar algas nos ramos das árvores! Sendo assim, eu estava enganada. Afinal, outras pessoas já tinham descoberto esta ilha e tinham feito cortinas de algas no meio da floresta.

Decidi então atravessar as algas... Uauuu!!! A vista era soberba!

Havia um vale rodeado por um arco-íris lindo. As árvores e os arbustos eram todos verdes, ramos, folhas, raízes... tudo era verde. O solo era cor-de-laranja e os frutos das árvores eram todos amarelos. Naquele exato momento voltei a escutar os tais passos, virei-me e vi uma espécie de... monstro. Demorei a perceber se ele era assustador ou não. Era uma vaca e um leão num corpo só. Os olhos eram meigos mas o resto parecia feroz. Gritei, gritei muito e corri o mais depressa possível. Então tropecei e caí. O tal monstro apareceu de novo à minha frente, estendeu-me uma pata, segurei-a, ajudou-me a levantar.

Não sei como, começámos a conversar. Ele disse que não me queria fazer mal e eu convidei-o para vir comigo e com os meus colegas para casa, mas ele recusou.

Os meus colegas já estavam no barco e decidi ir ter com eles. Despedi-me daquele ser, que agora era meu amigo e fui-me embora.

## A ILHA DO LETOTE

Ainda antes de iniciar a longa viagem fomos distribuídos por diversos lugares. Quando entrei no que me tinha calhado, descobri uma ilha cheia de palmeiras, animais, plantas, comida, algas... Mas havia uma diferença entre o local de onde vínhamos e este onde vim parar: não havia humanos.

Fui caminhando até que vi um “Letote”. Era um animal muito esquisito, um quarto leão, um quarto gato e metade elefante, daí o seu nome estranho. Era muito feroz pois era ele que protegia a “Pedra do Poder”.

Tentei aproximar-me dele, mas ia com medo. E ele disse:

– Que vieste aqui fazer? Sai imediatamente daqui!

Eu respondi com a voz a tremer:

– Ando a fazer uma visita de estudo com a minha escola e vim aqui parar. Não me faças mal, eu só quero conhecer coisas novas.

Começamos a conversar e ficámos amigos. Levou-me a conhecer a ilha e os seus habitantes. Encontramos o mais sorridente, o “Tunho”, era metade tubarão e metade golfinho. Depois conheci os 33 gémeos, e todos se chamavam “Folho”, pois eram metade foca e metade golfinho.

Vi muitos mais animais, todos diferentes mas todos divertidos. Era um lugar muito engraçado e diferente. Como já estava na hora de me ir embora, despedi-me de todos e voltei para o meu barco. Fui embora muito feliz porque tinha sido muito bem recebida por aqueles estranhos animais e porque me tinha divertido muito.

Foi uma grande aventura.

## O MUNDO DE BELANA

Na noite da *véspera da Expedição*, sonhei que fiz uma viagem de balão. Sentia o vento fresco e puro a bater-me na cara. Lembro-me que cheirava a caramelos de morango e ao mesmo tempo a flores do bosque.

Fui aterrar numa pedra enorme. Uma pedra que parecia que não tinha fim. Nela nasciam flores ao contrário, pois as pétalas coloridas e cheirosas estavam no chão e o que crescia era a raiz. Olhava para o céu e via telemóveis, motas, carros, jogos, doces e muitas outras coisas. Ao meu redor havia bolas de todas as cores e tamanhos, cordas para saltar, bicicletas, imensos piões a rodopiar sozinhos, enfim, coisas que me são familiares mas ao mesmo tempo pareciam estranhas.

Continuei, esperando que alguém aparecesse e me explicasse que mundo era aquele. Com o passar do tempo fui encontrar uma menina que apesar de esquisita era bonita. Tinha os olhos loiros e os cabelos azuis. Nem estava a acreditar. Deveria ser ao contrário!

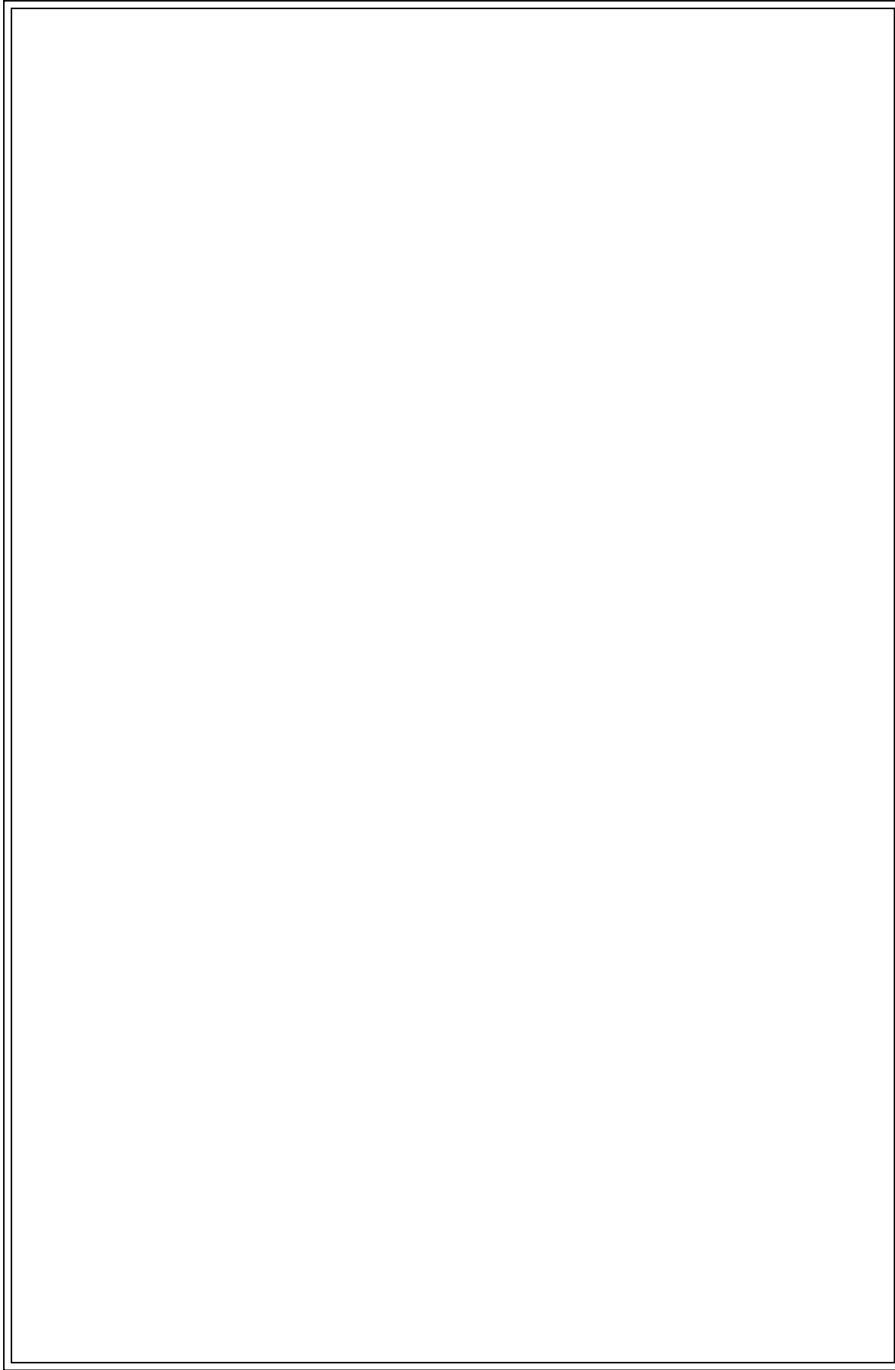
Apresentei-me e ela a mim. Disse que se chamava belAna (e não Anabela)!!! Perguntei-lhe sobre aquele mundo, o porquê de tudo ser ao contrário do que eu conhecia. Ele pediu-me calma e explicou:

– Pois bem, aqui neste mundo quase tudo é ao contrário. As flores nascem assim para nós percebermos que é da raiz que temos que cuidar. Temos que lhe dar água, claridade e ar puro. Se não o fizermos nem sequer existe a flor.

Continuou: – Lá em cima, está tudo o que não nos faz falta e que nos prejudica. Podemos viver sem aquelas coisas. Experimenta! Se conseguiste aterrar aqui porque és um menino bom. Tudo o que é bom consegue desfrutar e conhecer o meu mundo.

– O teu mundo? Não pode ser o nosso mundo?

Nunca recebi a resposta para esta pergunta porque, entretanto, acordei. Deste sonho só fiquei com as recordações de uma menina estranha, mas linda, que vivia num mundo encantado, sem coisas más e que realmente não nos fazem falta.



## A ILHA DESERTA

Durante a nossa viagem, encontrámos uma ilha deserta. Aí tivemos muita curiosidade em entrar nessa superfície, onde não havia humanos.

A ilha era esverdeada, ouvia-se o cantar dos pássaros e o som da brisa. Os sons eram serenos e a tranquilidade reinava. Encontrámos várias espécies de animais semelhantes aos habituais, mas apareceu um diferente dos outros. Era luminoso, com uns olhos grandes e brilhantes. Este animal impressionou-me com o seu pelo cheio de lantejoulas coloridas. O olhar era meigo e ternurento.

Tinha vontade de tocar-lhe e fazer uma festa mas tive receio de o assustar. Eu queria trazê-lo mas não podia. Não podia retirá-lo do seu habitat.

Segui o meu caminho e olhei em volta. Vi o mar limpo, transparente e salgado. Vi peixes reluzentes, algas verdinhas e rochas cristalinas e apareceu um polvo roxo com os olhos grandes a olharem para mim. Eu tive receio... este polvo seria perigoso? Se calhar ele também estava assustado por me ver. Pedi-lhe para ter calma, disse que não lhe ia fazer mal, que só o queria ver.

Estava distraída e não tinha visto que já era hora de ir embora. Fui em direção ao barco com os meus colegas.

Assim acabou a nossa aventura na ilha. Foi muito divertido conhecer aqueles seres vivos diferentes. Espero que eles fiquem bem e seguros.

## A ILHA DA DENSE FLORESTA

Num dia quente de verão, resolvi dar uma volta num pequeno barco a remos (*para descontrair da grande Expedição*). Como ainda não tinha decidido para onde ir, comecei a remar rumo ao desconhecido.

Sem dar por isso cheguei a uma ilha com uma floresta densa. Comecei a percorrê-la em busca de água, e descobri um lago azul-turquesa com uma cascata de água pura e refrescante. Era uma paisagem maravilhosa.

De repente, ouvi folhas a mexer e quando olhei para trás vi plantas carnívoras vermelhas, com dentes bem afiados prestes a atacar-me. Eu comecei a gritar muito alto e desatei a fugir até à outra ponta do lago. Estava presa naquele lugar, porque aqueles monstros vermelhos estavam à entrada do caminho que nos levava de volta ao barco.

Eu queria regressar, mas não podia arriscar a ser devorada por aqueles seres horripilantes.

Foi então que apareceram dois golfinhos a guinchar e a dar mergulhinhos à minha frente, entendi logo a mensagem, saltei para o lago. Saltando e mergulhando depressa me conduziram bem longe do perigo.

E foi assim que os golfinhos me salvaram, e pude regressar ao barco sã e salva.

## A ILHA DA GRUTA E OUTRAS AVENTURAS

Passados uns dias no alto mar, encontrámos uma ilha e fomos examiná-la. Quando saímos do barco, encontrámos um ser com um olho grande e outro pequeno, com imensos dentes minúsculos, exceto os caninos que eram do mesmo tamanho que as cenouras que há em minha casa. Tinha também bigode áspero e escuro. A cara era grande, ao contrário do resto do corpo, o que o fazia parecer ainda mais estranho. Ao longe parecia assustador mas, quando nos aproximámos, vimos que era simpático. Tentámos perceber a linguagem dele, mas não conseguimos. Quando nós avançámos, ele seguiu-nos, sem nós repararmos. E dirigimo-nos para o centro da ilha.

A meio do caminho, encontrámos uma planta estranha com um ar aterrador, de dentes bicudos e ramos frondosos. A planta tentou agarrar-nos, mas nós fugimos a tempo. O ser cabeçudo que nos tinha perseguido desenhou um escudo muito grande e com um gesto fez com que se tornasse real. Ofereceu-nos o escudo. Nós agradecemos e convidámo-lo a vir connosco. Ele não podia: já tinha combinado uma partida de monstergolf com os amigos.

Chegámos a uma gruta escura com estalactites no teto e começámos a falar sobre que coisas novas poderíamos ainda vir a descobrir. Com o eco, as estalactites caíram e ficámos encurralados. Com o nosso equipamento, escavámos e entrámos num rio subterrâneo, mas como a corrente estava a ficar mais forte, íamos em direção a uma cascata! Como éramos muitos, agarrámo-nos uns aos outros e conseguimos parar.

Encontrámos um ser novo completamente diferente do primeiro. Tinha duas cabeças, sete olhos esbugalhados, quatro na primeira cabeça e três na segunda, boca pequena na primeira cabeça e orelhas grandes na outra. O corpo era muito parecido com o de um dragão e tinha asas de 90 centímetros. Aquele magnífico ser ajudou-nos a sair. Voou até nós, agarrámo-nos às suas grandes patas, pendurou-nos e levou-nos para a praia.

Logo avistámos o nosso barco, entrámos, pegámos nos nossos cadernos e registámos tudo o que descobrimos no nosso primeiro dia de aventuras.

## A TERRA DO PÁPORCO

Íamos de navio para uma ilha desconhecida e deserta. Quando chegámos à ilha encontrámos uma criatura muito estranha, cabeça de pato e pernas de porco, mais conhecido na sua terra por Páporco. Para nosso espanto o Páporco falava a nossa língua, o que se revelou uma grande ajuda!

Dissemos ao Páporco que estávamos numa missão para encontrar tesouros. O Páporco conhecia muito bem a ilha, e com um sorriso matreiro, disse de imediato que nos ajudava, mas que apenas nos daria pistas.

Nós, entusiasmados, aceitámos e dissemos muito obrigado ao nosso recente amigo.

Conforme as pistas que ele nos deu, andámos em grutas, subimos às árvores e até tivemos de mergulhar nas profundezas do mar. Estranhámos a busca, porque só encontrámos garrafas e muitos plásticos por todo o lado. Decidimos todos que o melhor a fazer era limparmos o lixo. Talvez depois da limpeza feita o tesouro aparecesse!

Limpámos, limpámos, mas não encontrámos nenhum tesouro.

Tristes e cansados encontrámos novamente o Páporco, que estava a sorrir de felicidade. Protestámos por ter trabalhado tanto sem encontrar tesouros.

O Páporco apenas respondeu:

– O maior tesouro foi revelado: o planeta limpo foi resgatado!

## A CARMELÂNDIA

Um dia eu parti no meu barco – *da Exploração* – à descoberta de uma gruta sinistra. Essa gruta ficava localizada no Oceano das Descobertas. Nunca tinha sido descoberta por ninguém porque estava oculta por um rochedo.

A gruta era escura, tinha as paredes azuis, rugosas e sem vegetação. Percorri a gruta toda e cheguei ao final da gruta, onde encontrei uma cascata. Esta era brilhante, roxa e cheirava a caramelo. Atravessei-a e encontrei uma placa a dizer:

### MUNDO DA CARMELÂNDIA.

Na Carmelândia era tudo feito de caramelo. Havia um animal chamado Lesmemel, que era viscoso, andava lentamente e cheirava a caramelo. Também havia plantas de caramelo. Uma delas chamava-se Catamel, tinha folhas largas, tronco fino e dava flores amarelas. Estas plantas não são como as de Portugal. Estas plantas são o principal alimento dos Lesmemel. Depois de arrancadas, voltam a nascer mais dez.

Depois fui a uma exposição e vi uma colher com que se tirava o caramelo. A parte do cabo era feita com as folhas da planta Catamel. Mais à frente havia um pote com caramelo, nele rastejavam vários animais Lesmemel.

Voltei a atravessar a cascata saí da gruta e voltei ao meu barco. Cheguei a casa e contei tudo o que descobri.



## A ILHA NÃO MUITO HABITADA

Quando acordei, preparei-me logo, pois era o dia de explorar o mundo. Embarquei e demos início à viagem. Passei por vários sítios: a floresta colorida, a ilha Terceira e a ilha do Pico.

Até que vi uma ilha que me ficou na cabeça. Então, decidi explorá-la *(para o que recebi autorização)*. Mal saí do barco, reparei que aquela ilha não era muito habitada. Também reparei que era muito esverdeada, parecia coberta por uma frondosa floresta.

A meio do caminho vi uma espécie de peixe com pernas. Nem quis olhar muito para ali, é que aquilo causava-me arrepios! Entretanto, surgiu uma tempestade horrível, que me levou a regressar o mais depressa possível para a minha embarcação...

## O PARAÍSO

O local onde o barco fundeou parecia o paraíso.

Afastadas da praia, ao fundo, havia montanhas baixas com muita vegetação. Havia muitas palmeiras, coqueiros e bananeiras à vista.

Mal tínhamos colocado o pé na areia, apareceram índios com penas nos cabelos. Pareciam amigáveis porque sorriam muito. Estes índios dançavam, faziam coreografias e gestos muito engraçados, que me divertiam imenso. Tentei falar com eles através de gestos e logo percebi que eram muito simpáticos, convidando-me até para me juntar à festa, e claro que era mesmo isso que eu queria! Dancei, dancei, dancei, até que as pernas me doeram...

Era uma festa típica em homenagem ao Deus do Sol. A dança era o melhor de tudo, pois quando me apercebi do que era o jantar, fiquei logo mal disposta. De entrada uma sopa: creme de elefante com pelos de macaco. Como prato principal: aranhas e arroz de baleia. A sobremesa eram aranhas com caranguejos e molho de beterraba.

Creio que não comi. Espero não os ter ofendido!

Foi um dia fantástico. Tive a possibilidade de conhecer outro povo com uma cultura bem diferente da minha. A aventura foi surpreendente!

## O TÚNEL SECRETO DA PRAIA

Numa tarde de verão, estava numa praia a pular e a correr, tão contente e descontraída, que nem reparei num buraco enorme que surgiu mesmo à minha frente. Fiquei muito surpreendida e aliviada por não ter caído nele, pois podia-me ter magoado muito.

Intrigada e curiosa quanto ao porquê de estar um buraco tão grande numa praia, espreitei. Foi então que escorreguei e, sem querer, caí. Fechei os olhos, pois estava muito assustada e, passado um tempo, parei no fundo do buraco. Então vi um túnel longo, escuro e frio e corri muito para sair dali.

Quando cheguei ao fim, deparei-me com um lugar gigante: o céu era cor-de-rosa e as casas eram feitas de rebuçados e caramelos. Que sítio cheio de cor e magia!

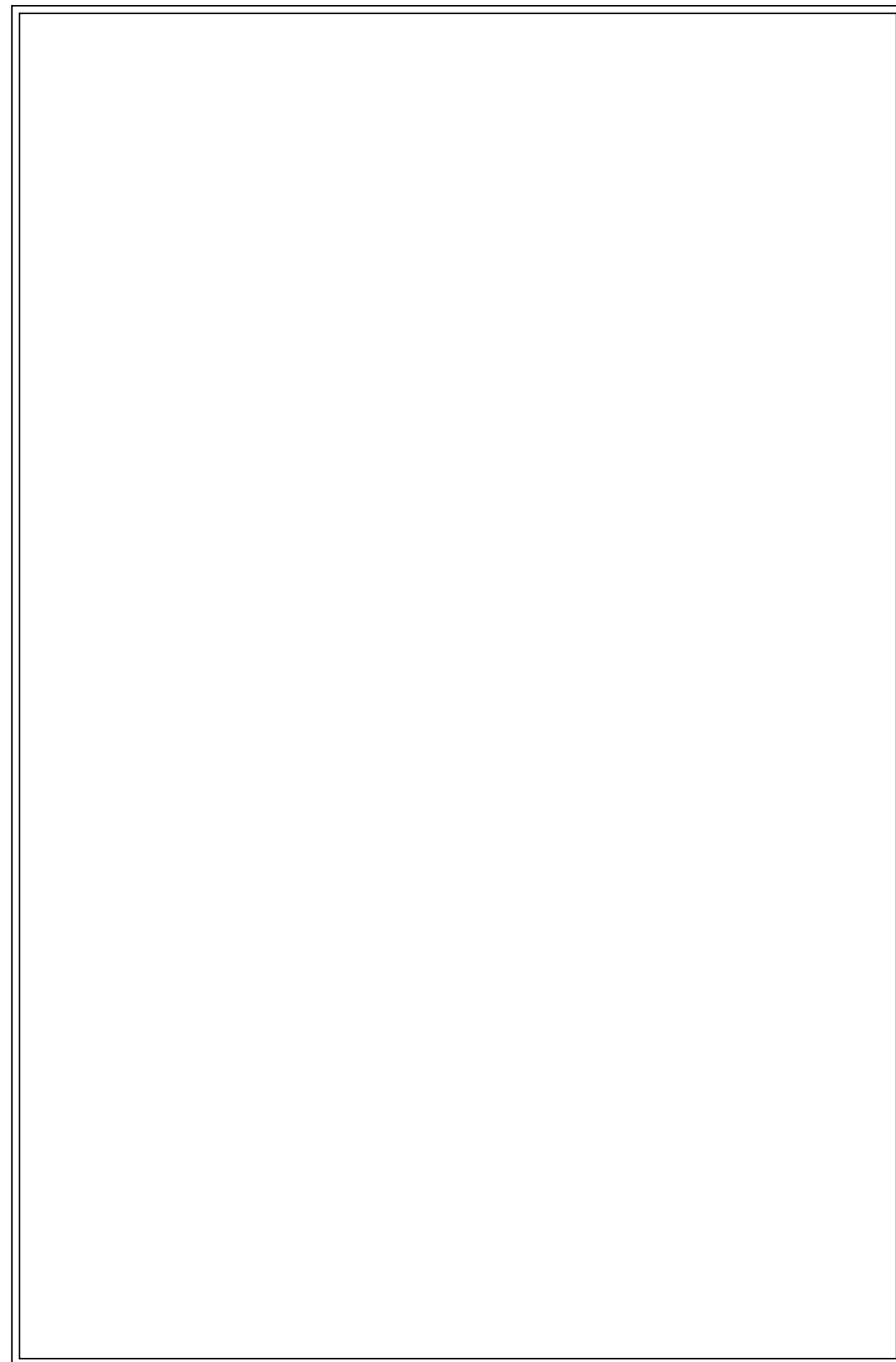
Fui conhecer melhor este mundo e tentar encontrar alguém para brincar. Procurei, procurei... E encontrei animais que não eram conhecidos para mim: animais metade gato metade unicórnio, metade cavalo metade zebra e cobras de seis cabeças. Os mais estranhos eram as cobras, eram elas que mais me arrepiavam. Todos eles se mostraram muito amigáveis e eu fui perdendo o medo.

Entretanto, comecei a sentir saudades de casa e tentei encontrar a saída. Foi então que vi outro túnel muito mais longo, atrás de uns arbustos, com paredes feitas de algodão doce.

Finalmente tinha encontrado a saída! Porém, na parede estava um aviso:

“Para daqui poder sair, terá de desvendar três enigmas. Se neles não acertar, ficará aqui trancado para toda a eternidade.”

Os meus novos amigos ajudaram-me a desvendar os enigmas. Foi assim que eu consegui responder. Fiquei-lhes muito agradecida. Foi uma aventura que jamais irei esquecer.



## A ILHA DO VULCÃO

A nossa missão começou: o barco navegou na direção sul. Passados trinta e sete dias vimos uma ilha. Desembarcámos nela. Não se via viva alma nem qualquer vestígio de civilização. De repente vi um animal que era pato em cima e, em baixo, ganso. Aproximei-me e ele bicou-me porque estava com medo, mas como tinha pão para lhe dar ele veio comigo.

Fui caminhando e vi uma pedra que dava frutos de cor azul, provei um e sabia a morango. Depois vi um vulcão de água, subi por ele e mergulhei para observar o que havia lá dentro. Aí vi um animal que era polvo em baixo e peixe em cima, achei-o muito esquisito! Vim logo para a superfície pois o vulcão começou a entrar em erupção e explodiu até uma altura de 300 metros. Saí dali rapidamente para não ser arrastada para o fundo do vulcão...

Continuando o meu passeio, vi um morangueiro com morangos do tamanho de bolas gigantes. Estava com tanta fome que comecei logo a dar muitas, muitas trincas, mas não consegui comê-lo todo. Fui andando e vi quatro borboletas-pássaros, com três pares de asas cada e cabeça de pássaro com bico afiado. Também vi árvores de tronco cor-de-rosa, madeira com as cores do arco-íris, folhas azuis e maçãs pretas por fora e roxas por dentro.

Encontrei uma semente que aproveitei e coloquei debaixo da terra. Depressa germinou e dela cresceu uma árvore com diferentes cores que dava frutos de vários tipos, com tamanhos, cores e sabores diferentes.

Ouvi um barulho que me era familiar. Quando me virei na direção do som vi o barco. Logo percebi que era tempo de ir embora e assim acabou esta grande e inesquecível aventura.

## A ILHA DO TESOURO SUBMERSO

Após tantos meses no mar alto, finalmente desembarcámos numa ilha.

Era uma ilha deserta, enorme, com areia muito branca e fina. No centro da ilha havia uma lagoa de água doce. A água desta lagoa fazia lembrar um arco-íris que em vez de sete cores tinha sete tons de azul.

A vontade de entrar na água contagiou-nos e não tardou até darmos um mergulho.

Foi um mergulho inesquecível... a água era quente e salpicada por mil e um peixinhos coloridos que nadavam ao nosso lado.

Após algumas braçadas, subitamente, vimos que algo reluzia intensamente lá no fundo. Retivemos o fôlego o mais que pudemos e como por magia descemos bem fundo. Rapidamente percebemos que se tratava de um tesouro.

Era uma arca repleta de moedas e colares, igualzinha àquelas que víamos nos filmes de piratas que davam na televisão nas manhãs de domingo. Apesar de tanta riqueza e magia, começámos a ficar assustados e decidimos sair da água em direção ao nosso barco para sairmos o mais depressa da ilha.

Embora a ilha parecesse deserta, tínhamos receio que pudesse surgir algum pirata a reclamar o tesouro.

O navio embateu em algo que não identificámos. O Capitão gritou para toda a frota: – Dividam-se todos, prossigam a exploração de novos territórios!

Lá fui eu, para o território número 18, o mais misterioso e mais a Sul. Encontrei uma baía e caminhei, caminhei... sempre a fitar no horizonte um pontinho minúsculo. Depois de muito caminhar, aquele pontinho foi -se fazendo maior e maior. Aos poucos percebi que era um ponto verde e que se tratava de um ser vivo, com dois olhos, um nariz e uma boca, um corpo cónico coberto de pelo verde e macio.

Quando me viu, acenou e disse-me “olá”. Também lhe acenei e respondi “olá”. Com uma voz educada e fala muito bem articulada, perguntou-me se estava cansado ou com fome. Sem ter tempo para pensar, respondi-lhe logo que sim. Segurou-me por uma mão e sem mais falas nem demoras levou-me para a sua aldeia. Quando lá cheguei, reparei que todos os habitantes eram semelhantes. Entre a surpresa, o cansaço e a fome, nem questionei, apenas me deixei conduzir até uma caverna.

Quando reparei, estava numa prisão! Ouvei um ladrar estranho: era um cão que falava! O cão explicou-me que aqueles seres se pareciam com aldeãos, mas não eram. Os habitantes originais tinham sido raptados e estavam presos nas profundezas daquelas montanhas. Eu devia ser o salvador há muito tempo esperado para os salvar do cativeiro.

A seguir o cão trouxe-me uma chave antiga (que usei para sair da prisão) e guiou-me por desfiladeiros, túneis, trilhos, vales e cumes. Finalmente, vi-a. Era uma pequenina porta bem no meio da encosta. Depois de libertar todos os aldeãos, voltei com o fiel amigo para a minha antiga cela. Esperámos umas horas até que pedi ao cão para ir procurar os seres estranhos. Passados alguns minutos o cão voltou e como não encontrou ninguém, todos pudemos sair para o exterior e celebrar a vitória e a liberdade. Os aldeãos agradeceram-me e eu voltei para o barco.

Eu e a minha turma aceitámos com valentia a missão de exploradores náuticos. Todos navegámos na direção de uma ilha diferente. Eu dirigi-me ao encontro da ilha da Madeira. Assim que o apito da Capitã Rosa soou, começámos a nossa viagem.

Em pleno mar distraí-me com um golfinho bebé. Fiquei a observá-lo até ficar cansada de o ver a andar às voltas... foi então que adormeci. Ao acordar descobri que já não estava no meu barco, nem no mar; estava algures no Oceano Atlântico.

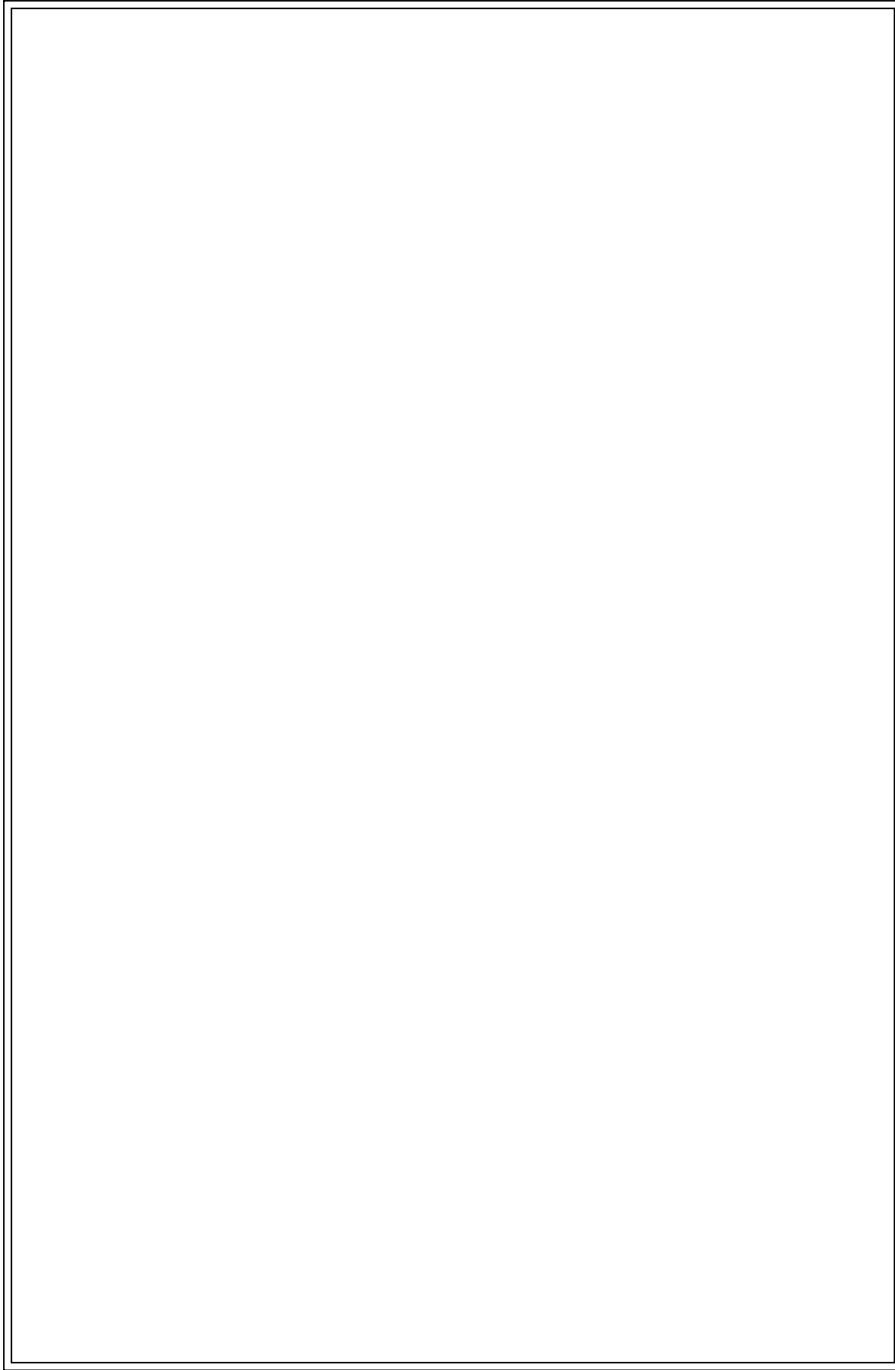
Aquele lugar era magnífico, tinha: algas em forma de flores, conchas que pareciam animais, corais que pareciam casas, peixes só com cabeça e sem barbatanas... Também havia um rei. Era o Rei Peixanoto. Era ele quem mandava naquele mundo. Era muito mandão e na cabeça usava, em vez de uma coroa, uma lata de conserva.

Naquele reino a água do oceano era limpa, cristalina, sem qualquer nódoa de poluição. Era um mundo mágico e cheio de cores: rosa, verde, azul, amarelo... um verdadeiro arco-íris dentro de água.

Diverti-me muito no mundo novo, tanto que perdi a noção do tempo. Não sei se foram minutos, horas ou dias, mas várias vezes pude brincar com os peixes que lá viviam, nadar aos círculos e misturar as cores de mar, apanhar conchas e fazer colares...até que comecei a ficar com fome e tive de procurar algo com aspeto de alimento.

Encontrei uma alga suculenta e não me contive, comi-a toda. Passado algum tempo eu já não sentia as pernas, olhei para trás e vi que tinha ganho uma cauda. Era uma cauda cor-de-rosa, cintilante como uma pérola. Era muito comprida e com ela conseguia nadar muito depressa.

No dia seguinte acordei de novo no meu barco. Fiquei a estranhar, até estava a gostar da ideia deste novo mundo tão divertido e percebi que tinha vivido uma aventura diferente, como um sonho.



## A ILHA DAS FLORES

Um dia ao acordar vi que o barco tinha fundeado numa ilha selvagem. A ilha parecia maravilhosa, tinha plantas de todas as cores: rosa, roxo, amarelo, laranja e violeta. Eram tão brilhantes! Pareciam muito felizes...

Quando me aproximei, uma planta muito bonita e alta, começou a falar comigo. Perguntou-me o nome e o que andava a fazer sozinha naquela ilha. Eu respondi-lhe que estava ali por acaso, mas como estava assustada continuei a andar.

Segui o meu caminho, mas ouvi um barulho ensurdecedor... Quando olhei para trás, a planta vinha na minha direção. Fiquei assustada, não me mexi. A planta Margaridox disse para eu ter calma, só me ia mostrar os encantos da ilha das flores. Acalmei-me e juntas, de mãos dadas, caminhámos ao longo da maravilhosa ilha.

A Margaridox mostrou-me riachos tão transparentes que conseguia ver-me neles, eram como espelhos. Na água transparente corriam os peixes todos felizes e coloridos. Nas margens as rãs saltavam e coaxavam. Os passarinhos pulavam nos ramos das suas árvores a cantarolar.

Todos cumprimentavam a planta com muita alegria e animação, mas todos olhavam para ela com muito respeito, ela devia ser especial naquela ilha. Nós passávamos e todos ficavam em silêncio a observar-nos. De repente, ouvi-os dizer: “a rainha deve gostar muito desta menina, já não saía do seu lugar há tantos anos! É tão bom vê-la a caminhar novamente pela nossa ilha!”

Fiquei radiante por os ouvir dizer tal coisa, senti-me muito feliz por ter ajudado a Margaridox a sentir-se novamente entusiasmada a percorrer a sua ilha. Juntas admirávamos a água que rodeava a ilha. Era de cor azul-marinho, nela saltavam golfinhos e leões-marinhos que brincavam entre si.

A ilha que eu visitei era cheia de encantos e belezas naturais. Nela pude ver muitas espécies de plantas e novos animais.

## A GRUTA DOS PLANETAS

Num dia de verão, a turma iniciou a viagem. Partimos num navio muito grande, castanho, com uma bandeira de Portugal num mastro e que se chamava “Astro”.

A certa altura reparámos que no mar havia uma rocha enorme, preta, brilhante, fantástica e misteriosa. Como tínhamos fatos de mergulhador e botijas de oxigénio decidimos explorar aquele rochedo.

Quando nos aproximámos, reparámos que não era uma rocha mas uma gruta, que descia até ao fundo do mar. Essa gruta devia ter estado na superfície terrestre milhares de anos antes porque tinha desenhos de abutres, pessoas e um peixe balão. Na gruta voavam morcegos brancos com olhos azuis turquesa. Com o brilho daqueles olhos iluminava-se a gruta e surgiam planetas diferentes. Um tinha tons de vermelho, laranja e lilás, o outro tinha tons de verde, azul e branco, o terceiro e último tinha riscas de várias cores como um arco-íris.

A gruta não tinha água no seu interior e mesmo sendo iluminada era escura, mas tinha papoilas, corais e também asteroides que flutuavam pelo ar.

Entretanto começaram a sair dos planetas uns seres vivos peludos e, cada um deles, deu-nos um objeto e um docinho do seu planeta. Eram doces saborosos!

Despedimo-nos deles e fomos para o barco cheios de vontade de chegar a casa para relatar a grande descoberta.

## AQUÁLIA

Certa vez, quando me preparava para passar do grande navio e entrar no pequeno bote, caí ao mar. Ninguém deu conta e eu nem tive tempo de pedir socorro pois logo fui engolido por um remoinho que me fez afundar. Tentei nadar até a superfície, mas a cada braçada que dava mais me afundava. Sentia-me desfalecer, parecia que a minha cabeça ia rebentar por falta de ar e, quando pensava que estava a morrer, dei conta que afinal estava a respirar debaixo de água como qualquer ser marinho.

Nadei mais depressa e durante mais tempo. No entanto, por mais que me esforçasse para tentar sair de água, mais me ia dirigindo para o fundo do mar. E lá em baixo, bem no fundo, encontrei uma terra estranha que parecia existir dentro de uma enorme bolha. Mais tarde descobri que se tratava de Aquália, a terra onde os animais falavam.

De facto, não fosse aquele lugar estar aonde estava e eu pensaria que se tratava de uma enorme cidade da superfície. Passei por espécies marinhas estranhíssimas, como o coral-cola, o fish-king, o mac-ondas... Instalei-me num hotel magnífico. O meu quarto era o número 8756, no 8.º andar. As paredes e o mobiliário eram de duas cores: azul claro e preto. A televisão era a preto e branco e as janelas tinham cortinas de um azul ciano claro.

O coral-jornal (outra espécie indígena) distribuía jornais feitos em folhas de alga. Os títulos daquele dia anunciavam «Comemorações do grande afundamento» Percebi o que aquilo queria dizer quando descobri uma placa que anunciava «Cidade de Aquália, antiga Terrália, afundada em MMCMXC a.C.»

Ao ver uma loja de animais pensei em comprar uma medusa bebé, para ter companhia lá em casa. Depois comprei um fish-king e voltei para o hotel.

Seguidamente apeteceu-me voltar para casa e perguntei a uma medusa como se voltava para a terra. Ela respondeu que tinha de fechar os olhos e dizer o nome do lugar desejado. Assim fiz. Quando abri os olhos estava ao leme a navegar.

## A TERRA GELADA

Saí do barco e escorreguei por cima do gelo até terra.

Era um lugar gelado, frio, coberto de neve. Não conseguia ver a terra nem as pedras, porque tudo era branco. Depois, encontrei um pinguim que falava. Estava a deslizar pelo gelo e chamou-me:

– Queres deslizar comigo?

Eu disse que sim e fui deslizar com ele, mas fiquei com muito frio.

O pinguim perguntou-me:

– Queres ir para minha casa?

– Sim, quero – respondi eu.

– Anda então!

E lá fomos nós para casa do pinguim. Aqueci-me, comi douradinhos deliciosos e brinquei com ele durante muito tempo. Ficou escuro de repente e o pinguim ajudou-me a regressar ao meu barco.

Despedi-me dele e levantei âncora, rumo a novas explorações.

## A TERRA DO “ALFE”

Certo dia eu e a minha turma fomos fazer uma viagem, e o nosso destino era dar a volta ao mundo.

Entretanto, o Tomás começou a gritar que tinha avistado uma ilha, mas quando nós olhámos parecia apenas uma bola lá ao longe. Já estávamos todos contentes com a ideia de irmos dormir a um lugar desconhecido e recolher alimentos frescos, quando o Capitão da caravela nos informou que tínhamos de ficar ali algum tempo porque as velas estavam a descoser-se e tinham de ser reparadas.

Então a nossa turma reuniu-se e chegou a um consenso, ir conhecer a ilha enquanto os marinheiros iam reparar as velas. A Leonor foi falar com o Capitão para nos emprestar algumas canoas que havia na caravela. Entrámos cinco em cada, e remámos em direção à ilha.

Quando lá chegámos vimos algumas palmeiras e começámos a caminhar pelo meio da pequena vegetação, até que o Rafael avistou uma gruta perto de um riacho e todos decidimos entrar.

A gruta era muito escura e tinha um cheiro muito forte, mas agradável, que parecia a café, mas não conseguíamos ver nada. A sorte é que eu tinha na minha mochila uma lanterna e assim conseguimos ficar na gruta para a explorar. As paredes eram muito lisas e escuras, no teto havia rochas muito bicudas que pareciam gelo. E no chão estavam espalhados muitos grãos de café. No meio da gruta vimos algo muito brilhante que nos parecia uma cadeira em ouro. Quando olhámos bem de frente é que vimos que era um monstro pequeno mas muito assustador. Tinha 10 olhos, 2 bocas, 4 narizes, 20 orelhas, 2 braços em cada lado, 1 perna, tinha o corpo coberto de escamas douradas e uma crista na cabeça com pelo com as cores do arco-íris. Fugimos!

Já estávamos dentro das canoas para regressarmos à caravela quando o Miguel viu pendurado num rochedo perto da gruta um letreiro que dizia “ALFE da PNEUMONIA”. Ficámos com a sensação de termos descoberto um ser raro.

Quando chegámos à caravela o Capitão informou-nos que tinham reparado as velas, mas teríamos de regressar a casa para as substituir...

## A ILHA DA IMITAÇÃO

Chegámos a uma ilha que parecia ser deserta. Então atracámos o barco e desembarcámos. Eu fui a primeira a experimentar a água, enquanto os restantes foram ver se havia alguém para brincar e se havia alguma casa para alugar.

Não encontraram casas para alugar; nem com quem brincar; e a água do mar estava gelada. Fui-me secar e depois fomos contruir uma cabana...

Depois de estar bem seca e de a cabana estar concluída, fui dar um passeio pelas redondezas. Encontrei uma porta gigante, abri-a e entrei. Para lá da porta havia árvores com legumes, ervas com frutos, animais estranhos.

Os animais eram esquisitos porque estavam ao contrário. Existiam casas, mas também eram ao contrário. E havia pessoas muito, muito lentas!!!

Então eu comecei a imitá-las. Passados alguns minutos de imitação fiquei como elas: lenta e virada ao contrário.

Do outro lado andavam à minha procura. Demoraram muito até encontrarem a mesma porta por onde eu tinha passado antes. Chamaram-me e eu respondi:

– Estou aqui! Passem mas não imitem ninguém, ou vão ficar iguais a eles!

Então alguém carregou num botão que dizia “off”, e tudo voltou ao normal. Eu perguntei àquelas pessoas se eram dali e elas disseram que não, que tinham lá ficado presas há já muitos dias e muitas luas. Disse-lhes para escaparem dali quanto antes, podíamos ir para a nossa cabana. Assim fizeram e por isso ficámos lá toda a noite muito juntinhos.

De manhã acordámos e fomos tentar arranjar algo para o pequeno-almoço. Depois de algum tempo lá conseguimos encontrar uns frutos exóticos que partilhámos com todos. No final despedimo-nos dos animais do lugar, subimos todos a bordo e regressámos às nossas respetivas casas.

## A ILHA MAIS PEQUENA DO MUNDO

Comecei a ver uma árvore no meio do mar e, ao aproximar-me, dei conta que era uma palmeira, uma palmeira gigante, numa pequena ilha: a ilha mais pequena do mundo. Apenas um passo e já estava junto à palmeira, olhei para cima e lá bem no alto vi um coco.

Estava com fome: abanei a palmeira: uma, duas e três vezes, até que o coco caiu direitinho em cima da minha cabeça. Caí na areia desmaiado. Quando voltei a acordar já não estava na ilha mais pequena do mundo, era outra ilha, maior, com muita areia.

Aqui toda a vegetação era cinzenta! Mais no interior da ilha encontrei umas casinhas pequenas, com portas e janelas minúsculas, parecia uma aldeia abandonada. Enquanto tentava perceber o que se estava a passar ouvi umas folhas a estalar, virei-me para trás e vi um arbusto a tremer, levantei a folha e lá estava um pequeno duende tremendo de medo. Disse-lhe que não deveria ter medo, que era amigo e estava ali para ajudar. O duende descansou e chamou os seus amigos. Contaram-me que as palmeiras, os arbustos e até os animais estavam a transformar-se em pedra, porque o terrível macaco da gruta tinha roubado a esmeralda que estava no topo da palmeira mais alta da ilha.

Propus um plano, que os duendes aceitaram: atrair o terrível macaco para fora da gruta com uma banana agarrada por um fio e fazê-lo caminhar até um buraco coberto por folhas, para lá cair e recuperarmos a esmeralda.

O plano correu bem! Juntos colocámos a esmeralda no topo da palmeira mais alta e a partir daquele momento a ilha começou a ganhar vida novamente. Os duendes saltaram de alegria e agradeceram-me. Ao saltar de alegria desequilibrei-me e bati contra uma palmeira. Quando olhei para cima vi um coco a vir na direção da minha cabeça...

Voltei a acordar na ilha mais pequena do mundo, olhei à volta e não vi os duendes...



## A ILHA "P" E "S"

Navegámos durante alguns dias e vimos uma imensa quantidade de sacos plásticos e de outro lixo espalhados pelo oceano. Ao sexto dia, vimos ao longe uma ilha cheia de vegetação e dirigimo-nos para lá. Demos uma volta em redor da ilha e pareceu-nos que tinha a forma de um "P". Quase à noite, regressámos ao barco.

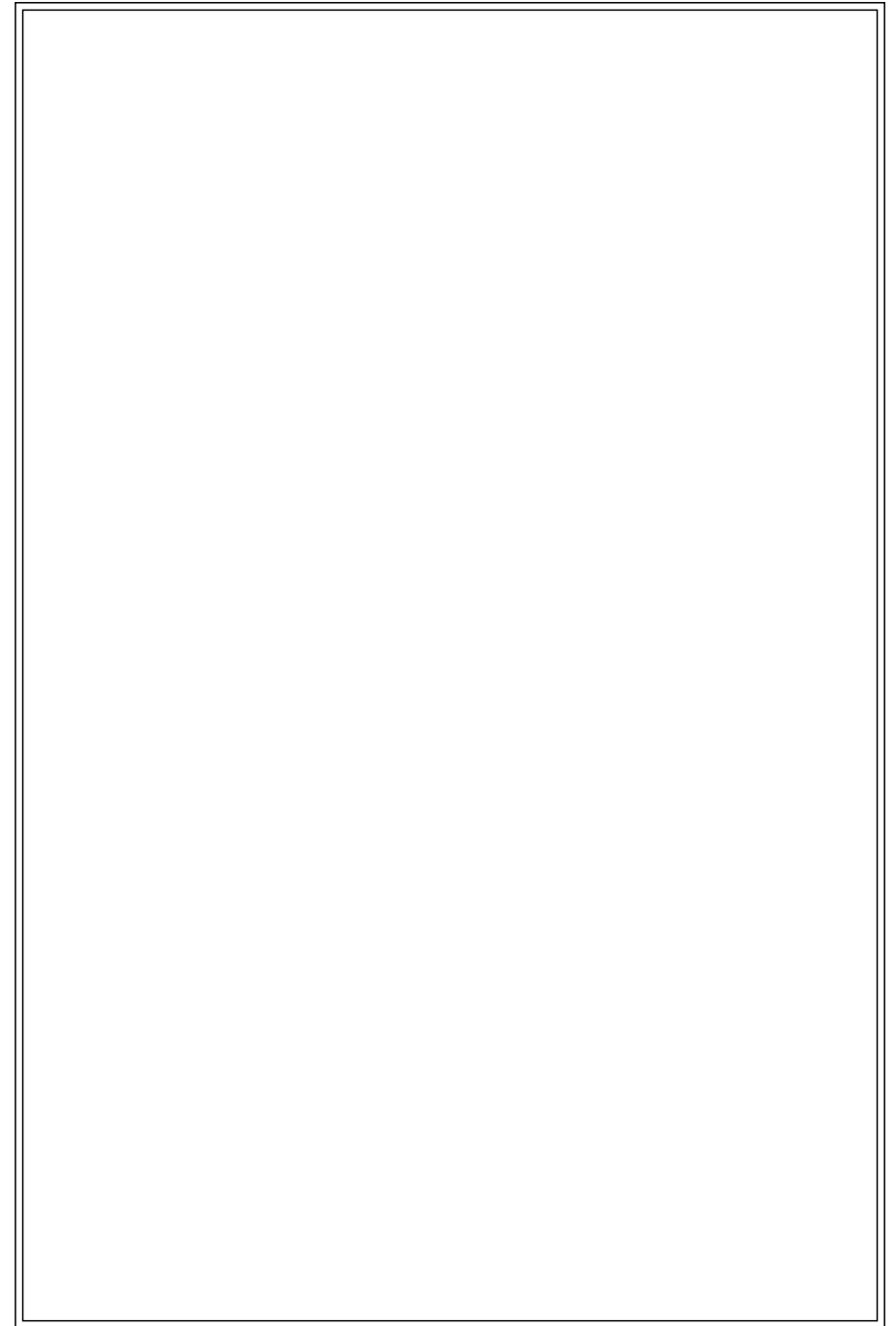
No dia seguinte, passeámos de barco à volta da ilha. A maré tinha baixado e, por isso, a ilha estava maior e o mais engraçado é que, em vez de um "P" a ilha apresentava agora a forma de um "S".

Olhámos ao longe e vimos uma enorme quantidade de sacos plásticos que vinham em direção à ilha. O enigma da ilha foi assim desvendado: na maré cheia, a ilha tem a forma de "P", que quer dizer "plásticos"; na maré vazia, tem a forma de "S" que quer dizer "salvem-me"! De repente, vimos a sair da água, perto de nós, muitas cabeças de animais, que não nos pareciam peixes.

Quando nos viram, desapareceram na água. Então nós vestimos os fatos de mergulho e fomos atrás daquelas criaturas. Descemos a uma grande profundidade e, entre uma vegetação lindíssima, havia centenas de animais que pareciam polvos. Quando os tentáculos se uniam, eles ficavam com a forma de uma capa comprida. Eram fêmeas com cerca de dois metros de comprimento (os machos têm apenas alguns centímetros). Acho que este animal se chama polvo-véu.

Pareceu-nos que os animais nos queriam mostrar alguma coisa. Quando chegavam à superfície, abriam os tentáculos e apanhavam o maior número possível de lixo e, segurando-o depois dentro da espécie de capa, corriam para o fundo do mar, entravam num navio naufragado – *que ali estava* – e despejavam o que levavam. Nós nem podíamos acreditar que estes animais estavam a tentar salvar o nosso planeta!

Mas o navio estava a ficar completamente cheio! Voltámos ao nosso barco e estávamos a combinar o que devíamos fazer para pedir ajuda para resolver este problema, quando a minha mãe me acordou...





O projeto "O Outro Marco Polo, que viajou – talvez – com Fernão de Magalhães", realizado com alunos dos 3.º e 4.º anos do Agrupamento de Escolas Grão Vasco (Viseu), é uma iniciativa da Memória Comum – Associação para os Museus Municipais – Viseu, por ocasião dos 500 anos da partida da Expedição de Fernão de Magalhães que completou a primeira viagem de circum-navegação ao globo terrestre.